



Rev. Bras. de Hipnose 2017; 28(2): 68-75

ISSN 1516-232X

Associação Brasileira de Hipnose - ASBH

*Revista
Brasileira de
Hipnose*

www.revistabrasileiradehipnose.com.br

A Indução do Transe nas Religiões. Uma revisão crítica

Trance Induction in Religions. A critical revision

Rebeca da Mota Porto

Associação Brasileira de Hipnose - ASBH, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo.

Através dessa revisão crítica, pretendemos evidenciar aos profissionais de psicoterapia a possibilidade do uso de transe hipnótico nas práticas religiosas. Iniciamos descrevendo as características da hipnose conhecidas dentro do campo científico e no uso clínico. Depois, direcionamos a discussão para entender a hipnose nas religiões, a qual se faz presente em quase todas, com algumas variações.

Palavras-Chave. Transe Hipnótico, Hipnose, Hipnose Clínica, Religião.

Abstract.

Through this critical review, we intend to highlight to psychotherapy professionals the possibility of hypnotic trance use in religious practices. We begin by describing the characteristics of hypnosis known within the scientific field and in clinical use. Then, we directed the discussion to understand hypnosis in religions, which is present in almost all, with some variations.

Keywords. Hypnotic Trance, Hypnosis, Clinical Hypnosis, Religion.

1. Introdução.

O propósito deste trabalho é uma revisar a bibliografia disponível sobre a indução do transe hipnótico nas várias religiões. Segundo a Teresa Robles¹, para definir a hipnose como uma técnica de indução de um estado alternativo de consciência para algum fim específico é necessário buscar o início da sua história informal, lá nos primórdios da humanidade. Procurar suas origens nas *culturas, nos rios mágicos e religiosos, na adivinhação dos sonhos, na arte da profecia, na medicina antiga e tradicional.*

Através desse trabalho pretendemos acrescentar aos profissionais de psicoterapia alguma informação sobre o transe nas religiões. Como alguma delas se comporta frente à hipnose científica e o que essa informação pode nos ajudar ao lidar com pessoas religiosas em nossos atendimentos psicológicos.

Sem dúvida, que é um tema polêmico, quando olhado através da lente ética da hipnose e também pela fervorosa posição de algumas pessoas em suas crenças. Buscando fazer um questionamento pessoal e intelectual do que acontece hoje nas mentes das pessoas que depositam suas crenças em alguma religião, é que resolvemos, através deste tema, abordar tal questão.

Através dessa revisão crítica, pretendemos evidenciar aos profissionais de psicoterapia a possibilidade do uso de transe hipnótico nas práticas religiosas, sem o conhecimento devido e, provavelmente, sem nenhuma ética em seu uso. De acordo com Livio Túlio Pincherle², é conhecido que, em linha geral, *um indivíduo dificilmente realizará, sob hipnose, um ato que não realizaria*

em vigiância. Isto porque os valores éticos estão “gravados” profundamente em sua mente. Da mesma forma, os mecanismos de autodefesa normalmente encontram-se próximos do “inato”, presente em todos os seres vivos. Entretanto, deve-se também lembrar que *por baixo da capa civilizada, cada um de nós tem um selvagem que pode ser liberado em um momento determinado, pela sugestão*.

2. Desenvolvimento.

O primeiro passo é explicar o que é a hipnose científica comprovada por vários profissionais, sejam médicos, psicólogos e odontologistas, e pelos estudiosos que voltam sua atenção para as pesquisas nessa área, e apontar os métodos de indução hipnótica. Depois, vamos direcionar nossa atenção para entender a hipnose nas religiões, e distinguir semelhanças e diferenças entre o transe hipnótico nessas atividades com aqueles usados na hipnose clínica. Por fim vamos dar exemplos de cada religião, mostrando os casos onde podemos encontrar estas induções.

2.1. Caracterização Científica do Transe Hipnótico.

Todas as teorias até hoje desenvolvidas são úteis, mas não conseguiram definir hipnose e dar a última palavra na descrição do processo e da experiência hipnótica³.

A hipnose pode ser considerada um estado de atenção focalizada, ou seja, a mente consciente focada em alguma coisa especial (pensamentos, imagens, estórias, amor etc.). Nessa situação, ocorre uma mudança no grau de percepção provocado artificialmente, no qual a consciência sensorial e o trabalho cognitivo podem ser de alterados profundamente⁴. Os fenômenos cognitivos e comportamentais associados à hipnose têm relação direta com o processo de atenção⁵.

Embora seja um estado de vigília, porque o indivíduo hipnotizado não está dormindo, a hipnose é diferente da vigília comum. Nesta, há uma focalização da atenção voltada para o interior e, muitas vezes, para o mais interno. Passa a valer também a realidade interna criada pela pessoa, podendo envolver um estado de relaxamento e todos ou alguns fenômenos hipnóticos.³

Normalmente, a hipnose é induzida externamente ou auto-induzida. Quando a indução é externa, a boa relação entre as duas partes envolvidas é uma condição importante. O *rapport* gera a confiança, a abertura. Isto faz com que *aquele que guia possa ser ouvido, aceito e atendido, em sua faculdade de absorver a atenção*. O indivíduo sob a indução faz o restante. Pode-se entender que o estado de hipnose emerge de dentro do sujeito. Num conceito mais atualizado, a interação entre as duas partes é que promove a hipnose.³

Um profissional habilitado para fazer hipnose busca o transe como instrumento para auxiliar o cliente, na tentativa de melhorar o quadro apresentado para tratamento. Esse profissional, sendo um psicólogo, se utilizará, em alguns dos seus atendimentos de sessões de relaxamento e a indução de um estado alterado de consciência, que usará como aliado para a aplicação de técnicas de psicoterapêuticas de seu conhecimento.⁶

Um das principais medidas que devem ser tomadas antes de uma indução é a explicação ao cliente do que será feito na indução, suas possíveis reações, o que é mais comum acontecer, e obter do cliente o consentimento para o uso da técnica. No caso do cliente ser uma criança, a autorização deverá ser dada por um dos seus responsáveis, de preferência por escrito, mas a explicação da técnica à criança não pode faltar, para que ela sinta-se seguro e confiante no profissional.³

Isso tudo, é claro, precedido de um trabalho de *rapport*, do qual dependerá todo sucesso dos atendimentos, sejam eles com indução hipnótica ou não.^{6,7}

A primeira indução pode não oferecer logo o resultado esperado. Muitas vezes, algumas sessões são necessárias para moldar o cliente e ele então conseguir alcançar a mudança desejada.⁶

Outro fator que auxilia bastante o andamento e o sucesso de uma indução é o ambiente. O cliente deve se sentir bem ambientado, não sentir nem calor, nem frio, tentando manter toda sua atenção na realização da técnica. Um detalhe que funciona bem é introduzir cada barulho, cheiro

ou mudança no ambiente no contexto da indução. Isso conforta o cliente já que ele também estará percebendo tais alterações.^{3,6,8}

É importante explicar aos clientes que toda hipnose é uma *auto-hipnose* e que, durante a indução, o controle sempre estará *nas mãos dele*, que o hipnólogo vai apenas guiar e auxiliar. Deixar claras as reações que ele poderá sentir e, principalmente, explicar os grau de aprofundamento na indução, e que é raro a perda de consciência.⁸

Pedir ao cliente que se posicione da maneira mais confortável para ele, como se sentir melhor, vai facilitar também a indução. Além disso, se for possível, que use de roupas confortáveis, não apertadas. Não é aconselhável induzir um cliente que esteja em algum estado grave ou crítico de saúde. É imprescindível que o terapeuta demonstre confiança no que vai realizar. Isso é facilmente percebido pelo cliente, trazendo de voltas a insegurança de não saber o que poderá acontecer.^{8,9}

Para uma boa indução, o terapeuta deve usar um tom de voz monótono e ritmado, o que vai estimular o relaxamento do cliente. Também pode ser usada a técnica de falar várias palavras muito rapidamente, onde a velocidade e a quantidade de palavras impede o cliente de acompanhar ou raciocinar claramente sobre o que está sendo dito.^{3,9,10}

É importante o terapeuta se ajustar ao cliente, a cada um deles, perguntando qual o volume da voz fica melhor para ele, qual a velocidade ideal para que ele tenha atenção pelo que for dito, buscando sintonizar a cada palavra dita, a fala terapêutica com o batimento cardíaco do cliente. Essa é a técnica de espelhamento ou *pacing*.¹⁰

2.1.1 - Principais Técnicas de Indução.

Entre as técnicas de indução utilizadas na Clínica, podemos citar^{3,8-10}: pestanejamento comandado; levitação do braço; fixação do olhar de Braid; reversão do olhar; interrupção de padrões estabelecidos e automatizados; ação de alavanca; mãos intercruzadas; método da estrela e do balão; autoscopia; método de Bernheim; fascinação; e hipnose Ericksoniana e pantomima.

2.2. Hipnose nas Religiões.

Quanto a crenças, Robert Dilts¹¹ entende que elas estejam entre as estruturas mais importantes do comportamento. Quando uma pessoa acredita realmente em algo, o seu comportamento é congruente com suas crenças. Há tipos de crenças necessárias para que a pessoa possa atingir um objetivo desejado.

Como na hipnose, as religiões possuem várias facetas ainda inexplicáveis. Cada religião possui sua “propaganda”, seu meio de convencimento do fiel. Cativar a fé das pessoas nem sempre é fácil. Pessoas que passam por problemas, dificuldades de saúde ou de vida ficam mais vulneráveis aos apelos religiosos.¹¹

A hipnose é uma ferramenta que ser usada tanto para o bem como também para o mal. Qualquer instrumento capaz de mudar pessoas, em mãos erradas, pode causar grandes prejuízos ou problemas. Ela pode ser usada por um especialista, que também não está livre de erros, ou por qualquer leigo que nem sabe o que faz por falta de conhecimentos e ética.^{12,13}

Por acreditar que algumas pessoas são altamente suscetíveis à hipnose, mesmo em estado de vigília normal, é que estamos a questionar se líderes religiosos, que estão em contato direto com seu povo, não se utilizam, às vezes, dessa ferramenta, mesmo sem saber, para convencer os seus fiéis a fazer o que eles querem, até abusando destes primeiros.¹⁴ Será que muitas das informações passadas por estes líderes não se dão através deste caminho? Se cada pessoa pode ter um grau particular de profundidade com uma dada técnica de indução, poderá alguém ser capaz de absorver ideias e informações sem o menor questionamento, assumindo como suas?

Transcrevemos abaixo o *Transe em Bali*, que é um relato demonstrativo que, mesmo em estado de transe, uma pessoa pode fazer atividades simples e normais da sua vida diária. Em seu li-

vro, no final do relato desse caso, Erickson¹⁵ vincula o transe em Bali com o transe observado no Ocidente, em que os movimentos orientados do corpo, executados por uma de suas discípulas, chamada Lucy, em seu consultório, se assemelhavam àqueles realizados pelos balineses, quando saíam do estado de transe.

Quando Margareth Mead, Jane Belo e Gregory Bateson foram a Bali em 1937, fizeram-no com o propósito de estudar a auto-hipnose na cultura balinesa. Na cultura balinesa, uma pessoa pode estar indo ao mercado, e no caminho até lá, ela poderá entrar em profundo transe, fazer as suas compras, voltar e sair do transe quando chegar em casa... ou então permanecer em estado de transe e visitar um amigo que não está em transe, enquanto ela, sim, o está. A auto-hipnose é parte da vida cotidiana. Mead, Bateson e Belo estudaram a conduta dos balineses e trouxeram filmes para que eu examinasse. A Dra. Mead queria saber se em Bali e no Ocidente o transe era igual. Então ela (Lucy, uma terapeuta discípula de Erickson) fez os movimentos orientados do corpo, como fazem os balineses, fechando as mãos e tentando ficar na ponta dos pés, refamiliarizando-se com seu próprio corpo. Ora, isso era característica de um transe.¹⁵

Com este exemplo, Erickson transmite duas mensagens. A primeira é que o transe é uma experiência bem mais cotidiana do que se imagina, e que qualquer um pode experimentá-la. A segunda é que se trata de algo exótico, dotado de um encanto particular.⁶

Cada religião, apoiada pela cultura onde se propaga, vai adquirindo meios aumentar o número de adeptos. A hipnose, então, pode ser usada, claro que sem nenhum conhecimento ou ética, em alguns rituais das principais religiões que hoje existem.

Este é o objetivo desse trabalho, refletir sobre como seria usada essa indução “camuflada” em cada religião. Se isto deve ser creditada à fé dos primeiros que passaram a usar a técnica, sem o devido conhecimento científico. Refletir também sobre o que essa prática pode acarretar, já que, mesmo no meio psicoterapêutico, sua aplicação pode ser perigosa, sem o específico conhecimento da técnica, de psicopatologia, de psicodinâmica, da fisiologia da própria hipnose em si e sem uma rigorosa anamnese.

Religião significa a relação entre o homem e o poder sobre-humano no qual ele acredita ou no qual ele depende. Essa relação se expressa em emoções especiais (confiança, medo), conceitos (crenças) e ações.¹⁶

2.3. Indução ao Transe nas Principais Religiões.

As cerimônias ou cultos religiosos promovem o contato dos fiéis com o sagrado. São realizados em locais específicos, liderados por uma ou mais pessoas também consideradas sagradas, ou pelo menos consagradas para tal ofício.¹⁶ Tudo isso enche de magia e misticismo o ambiente do culto, onde determinadas práticas se aproximam, em parte, de uma indução hipnótica.

2.3.1 – Budismo.

O culto do Budismo antigamente era só a veneração das relíquias de Buda ou de outros homens santos.¹⁶

Apesar de os budistas ficarem adorando imagens de Buda, queimando incenso e pondo flores e outras oferendas diante delas, para o budista ortodoxo isso não é propriamente uma adoração formal. Para estes, sua imagem não deve ser venerada, mas deve servir para lembrá-los de seus ensinamentos.¹⁶

O budista não tem a mesma obrigação religiosa rígida que os monges. Através do caminho das oito vias o budista busca o Nirvana, o equilíbrio, a iluminação como Buda. Depois de meditar durante dias debaixo de uma figueira, Buda fez o sermão que citou as quatro nobres verdades sobre o sofrimento¹⁶: (1) tudo no mundo é sofrimento; (2) o sofrimento é causado pelo desejo do ser humano; (3) o sofrimento pode ser levado ao fim, quando o desejo cessa, começando o Nirvana; (4) o homem pode ser libertado do sofrimento seguindo o caminho das oito vias.

Além das nobres verdades, há as oito vias que devem ser seguidas, são elas: (1) a Perfeita compreensão; (2) a Perfeita aspiração; (3) a Perfeita fala; (4) a Perfeita conduta; (5) o Perfeito meio de subsistência; (6) o Perfeito esforço; (7) a Perfeita atenção; e (8) a Perfeita contemplação.

A meditação é o instrumento pelo qual Buda alcançou a iluminação.¹⁶ Pois bem, a meditação relaciona-se com uma concentração de atenção que nada mais é do que auto-indução, provocando um questionamento particular no interior do sujeito, sendo na busca do nirvana ou de uma mudança comportamental.

2.3.2 – Judaísmo.

Sinagoga é o local onde acontecem os cultos dos judeus. As manhãs de sábado há um grande cerimonial em torno da leitura do Torá, lido em hebraico. Essa leitura é feita as segundas e quintas-feiras. Desse modo, no decurso de um ano, se lê o cânone inteiro.¹⁶

Além da leitura do Torá, o serviço contém orações, salmos e bênçãos, todos contidos em um livro especial chamado Sidur.¹⁶

Um cantor sacro, membro leigo da congregação, dirige o serviço. No entanto, o sermão e o ensino da Lei são responsabilidade do rabino, sempre um homem instruído e de certa escolaridade, que cada congregação nomeia separadamente. Três orações diárias também são ditas em casa.

Conclui-se que, no caso do judaísmo, a indução seria involuntária, tanto para quem induz, como para o induzido. O judeu entraria em transe pela simples leitura concentrada do Torá, ou até influenciado pelo canto sacro, movido pela crença e confiança em seu rabino.

2.3.3 – Cristianismo.

Essa religião que, anteriormente, mostrou-se contra o mesmerismo e o hipnotismo, possui em sua prática um momento de indução hipnótica.

O cristão confia e é temente a Deus. Isso provoca uma relação estreita entre ele e a igreja, onde os cultos cristãos são realizados. São *missas*. Toda missa, que ocorre várias vezes ao dia, apresenta uma leitura da bíblia, além do sermão que o sacerdote da igreja realiza.¹⁶

Da mesma forma que o judaísmo, em concentração, meditação e relaxamento, o cristão pode tanto se auto-hipnotizar durante a missa, como ser hipnotizado pela pregação do padre.¹⁶

Aqui, cabe os seguintes questionamentos. Será que o fiel pode adquirir informações do culto e tomá-las como suas, numa indução casual como esta? Seria possível acontecer várias induções com várias pessoas na missa ao mesmo tempo, uma indução coletiva?

Outras igrejas cristãs, como, por exemplo, as evangélicas induzem o transe de seus fiéis através do transe cinético. Gritos de louvor fervorosos, cantos e exorcismo, realizados em seus cultos. Tudo isso, tem o potencial de provocar transe hipnótico nos crentes, transes também involuntários, fazendo-os assumir as ideias pregadas pelo pastor como suas, caso tenham receptividade hipnótica para tal.¹⁶

2.3.4 – Islamismo.

Medina é onde se realiza o culto do islã, além de suas próprias casas. Só os homens podem frequentar a mesquita. O fiel do islamismo deve rezar cinco vezes por dia, e, para isso, devem estar limpos, lavando-se simbolicamente, suas mãos e rostos.¹⁶

As cinco orações diárias podem ser ditas em qualquer lugar. A maioria das pessoas possui um tapetinho ou uma esteira especial onde se ajoelham e rezam, e seus gestos são sempre dirigidos para Meca. Pelo menos uma vez por semana, o fiel deve participar das orações da congregação, de preferência numa mesquita. Os que comparecem à mesquita devem estar respeitosamente vestidos, tiras os sapatos antes de entrar e acompanhar os movimentos de quem preside as orações de maneira ordenada e disciplinada. O líder das orações também fica de frente para a Meca, isto é, de costas para a congregação.¹⁶

Qualquer homem adulto muçulmano pode ser dirigente das preces, um ímã. Não há sacerdócio organizado no islã. Entretanto, em geral, o dirigente das orações e responsável pelos sermões tem uma boa educação teológica e é funcionário da mesquita.¹⁶

No islamismo, a prece é feita de joelhos e cabeça no chão, e em voz baixa, como uma reflexão, favorecendo a auto-indução. A leitura do alcorão é feita também com alguma musicalidade, facilitando o aprendizado, como na expressão *entrar na osmose*¹⁶.

2.3.5 – Espiritismo.

O espiritismo se baseia na ideia de reencarnação, da comunicação com espírito dos mortos. Essa comunicação é feita por meio de pessoas especialmente dotadas para o transe mediúnico, os médiuns, durante uma sessão espírita (culto espírita).¹⁶

Os médiuns, além de se comunicarem com os parentes falecidos dos fiéis, também podem realizar serviços terapêuticos (passe) e psicografias durante seu transe. O passe é uma espécie leve de exorcismo. O passe é dado individualmente por um dirigente ou pelo médium em transe durante a sessão espírita, com o objetivo de afastar as influências negativas, as más vibrações, os “encostos” etc. e transmitir energia espiritual positiva ao interessado. Vale notar que a energia boa, a energia positiva, é sempre pensada como sendo “luz”. Quanto mais evoluídos os espíritos, mais iluminados são eles, *espíritos de luz*.¹⁶

O transe do médium espírita é induzido por orações, meditações e concentração. Também é uma auto-indução, na medida em que não necessita do pregador que faz o sermão nas sessões espíritas.¹⁶

Não existem provas científicas dos fatos alegados pelo espiritualismo, e algumas tentativas de monitorar cientificamente as sessões espíritas não conseguiram comprovação. Uma teoria diz que, embora o médium atue com boa-fé, o “espírito” que fala por meio dele é, na verdade, ele próprio com a hipnose ou com casos de personalidade dividida.¹⁶

Mais recentemente, ideias espíritas ganharam força nas chamadas *experiências de quase morte*. Muitas pessoas que já estiveram próximas da morte afirmam que sua alma deixou o corpo (experiências extracorporais). Por exemplo, enxergam-se deitadas na mesa de operação e puxadas para um estado espiritual, voltando depois ao corpo. Há quem considere que esses relatos dão mais peso às crenças espirituais.¹⁶ Isso pode ser explicado na hipnose como regressão de idade ou terapia de vidas passadas. Os profissionais da hipnose Clínica evitam assim chamar a regressão ou falar em *vidas passadas*, pela sua conotação religiosa e espírita. No espiritismo, as vidas passadas explicariam nossa atual situação na Terra.

2.3.6 – Religiões Africanas.

As religiões africanas que chegaram no Brasil através da escravidão dos negros se subdividiram em outras. Na África, elas tinham proporções e crenças de acordo com as tribos que a cultuavam. Quando vieram para cá, nossa cultura as modificou. Aqui receberam nomes de Umbanda e Candomblé. A possessão dos médiuns é feita por “*orixás*” ou entidades que interagem com as pessoas para ajuda-las, teoricamente, em sua evolução espiritual, aconselhando suas ações no presente. Acreditam que essa influência é benéfica para o médium a partir do momento em que ele aceita ser um canal onde o universo espiritual vai passar para se comunicar.¹⁶

Nessas crenças africanas (candomblé e umbanda, principalmente) o *médium* ou *filho-de-santo* funciona dando passes e consultas aos seguidores da religião, mas sempre incorporados ou usando objetos que lhe auxiliam nessa função. Porém uma diferença importante desta para as outras religiões é que o transe é induzido no culto regido pelo pai-de-santo da casa, com seu instrumento, tipo um chocalho chamado *adijá* (a maioria das palavras usadas são na língua africana *iorubá*), que é tocado no pé do ouvido dos médiuns e também através da música ritmada dos atabaques e das rezas.

No transe, os orixás (energias espirituais) dançam usando o corpo do médium. Nessas religiões há um líder, pai ou *mãe-de-santo*, que é o responsável no culto, e os *filhos-de-santo* (*médiuns*) dependem dele.

3. A Necessidade da Ética na Indução.

Na hipnose por profissionais busca-se sempre levar em conta a ética. Já nas religiões que utilizam indução ao transe com seus seguidores, essa ética não pode ser aplicada nem controlada, tanto pela falta de conhecimento teórico dos induzidos e indutores, como também pelo simples fato de não poder fiscalizada.

A solução seria então, informar à sociedade sobre o que se conhece cientificamente sobre a hipnose, procurando dar a compreensão do que é hipnose e como essa prática está presente no seu dia a dia. Dar os exemplos mais comuns que acontecem diariamente nas nossas vidas, aproximando a indução hipnótica da realidade das pessoas.

Estamos todos aqui neste planeta, por assim dizer, como turistas. Nenhum de nós pode morar aqui para sempre. O maior tempo que podemos ficar são aproximadamente cem anos. Sendo assim, enquanto estamos aqui, deveríamos procurar ter um bom coração e fazer das nossas vidas algo de positivo e útil. Quer vivamos poucos anos ou um século inteiro, seria lamentável e triste passar esse tempo agravando os problemas que afligem as outras pessoas, os animais e o ambiente. O mais importante de tudo é ser uma boa pessoa.¹⁷

Não podemos afirmar quais as religiões que praticam hipnose, mas com certeza os tranSES realizados em seus cultos são bem próximos da teoria estudada por nós sobre indução hipnótica.

Pelas pessoas acreditarem nas religiões e nos seus líderes, sua crença já é uma motivação para facilitar a indução. Cada uma à sua maneira, utilizando a hipnose até mesmo sem se dar conta, realizam mudanças na mente e na vida de várias pessoas, em vários locais neste mundo.

Esperamos que a base positiva da fé e do amor ao próximo de cada uma destas crenças faça com que esse auto e hétero-induções sejam feitas por pessoas na intenção sempre do bem.

O que é não pode morrer nunca? É aquela força de fé que nasce dentro de nós, que é maior do que nós, que chama as novas sementes para os lugares áridos, maltratados, abertos, para que possamos nos ressemeiar. É essa força, na sua insistência, na sua lealdade a nós, no seu amor por nós, nos seus meios, na maioria das vezes, misteriosos, que é maior, muito mais majestosa e muito mais antiga do que qualquer outra jamais conhecida.¹⁹

Referências

1. Robles, T. Concreto para Quatro Cérebros em Psicoterapia. Belo Horizonte: Editora Diamante, 2001.
2. Pincherle LT, Lyra A, Dirse BTS, Golçalves AM, Psicoterapia e Estados de Transe. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
3. Bauer S, Hipnoterapia Ericksoniana Passo a Passo, Campinas, SP: Livro Pleno, 2000.
4. Egner T, Gruzelier J, Jamieson G. Hypnosis decouples cognitive control from conflict monitoring processes of the frontal lobe. *Neuroimage*. 2005; 27:969- 978
5. Raz A, Fan J, Posner MI. Neuroimaging and genetic associations of attentional and hypnotic processes. *J Physiol*. 2006; 99:483-491.
6. Sidney Rosen, Minha Voz Irá Contigo. Os contos didáticos de Milton Erickson, São Paulo: Editora Psy, 1997.
7. Robles
8. Spiegel D. Hypnosis. *Harv. Ment. Health Lett*. 1998; 15:5.
9. Snaith P. Hypnosis. *Br J Psychiatry* 1984; 144:665.
10. Solovey GE, Milechnin A. Hipnotismo de hoy. 5ª ed. Buenos Aires: Hacette, 1988.
11. Robert Dilts, Crenças: caminhos para saúde e bem esta., São Paulo: Summus Editorial, 1985.
12. Dribben IS. Psychosis following amateur hypnosis; a case report. *Mil Surg*. 1949; 104(2):136.
13. Spiegel D, Fink R. Hysterical psychosis and hypnotizability. *Am. J. Psychiatry*. 1979; 136(6):777-781. doi:10.1176/ajp.136.6.777

14. Benoff-Nadel P. Hypnosis within a psychospiritual approach in the case of a woman diagnosed with dystonia. *Explore (NY)*. 2011; 7(5):326-328. doi:10.1016/j.explore.2011.06.009
15. Erickson MH. *The Letters of Milton H. Erickson*. Phenix, AZ: Zeig T & Theisen Inc. 2000
16. Gaarder J, Hellen V, Nostaker H. *O Livro das Religiões*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
17. Dalai Lama, Cuttler HCA. *Arte da Felicidade. Um Manual Para a Vida. Um manual para a vida*. Ed. Martins Fontes, 2003.
18. Estes CP. *O Jardineiro que Tinha Fé*. Ed. Rocco, 1996.